
SoprAr e InVentAr com sons e palavras¹**Blowing winds and inventing with sounds and words****SoplAr e InVentAr con sonidos y palabras****Deisimer Gorczewski**

Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Artes da
Universidade Federal do Ceará
<https://orcid.org/0000-0002-7433-8798>

Laryce Rhachel Martins Santos

Professora de Artes na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte
<https://orcid.org/0009-0003-3635-9760>

Resumo

Neste estudo propomos as ações de “SoprAr” e “InVentAr” como dispositivos de processos de criação com palavras e sons. A composição dos verbos|ações surgiu com a realização do Grupo de Estudos Escrita | Escritura, Processos de Criação, organizado por artistas, pesquisadores e educadores participantes do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR|CNPq), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Os encontros e a partilha de materialidades suscitaram a questão: seria o sopro um provocador de atos de criação? Em experimentações com as ruas, praças, estação do metrô, entre outros espaços comuns, foram encontradas algumas pistas afirmando os agenciamentos coletivos e a força dos acasos nos processos de criação. Assim, os processos de criação explicitados nesta escritura, todavia singulares, apontam para percursos poéticos que envolvem redes de conversações e caminhadas coletivas com a cidade e a universidade.

Palavras-Chave: Processos de Criação, Sopro, Invenção, Cidade, Universidade.

Abstract

In this research we propose the actions blowing winds and inventing as dispositifs of creation processes with words and sounds. In Portuguese, the word for “air” (ar) is contained within the verbs “to blow” (soprAr) and “to invent” (inventAr). The composition of these verbs|actions came about during the study group

¹ Esta escrita consiste em uma atualização do capítulo, SoprAr e InVentAr – processos de criação com sons e palavras, que compõe o livro: *Escritas Cobogó - Invenção de Si, Cidades e UniverCidades*, organizado por Gorczewski *et al.*, no prelo.

Writing|Scripture Creation Processes, organized by artists, researchers and educators who take part of the Arts and Urban Micropolitics Laboratory (LAMUR|CNPq), based in the Federal University of Ceará Graduate Program in Arts. The meetings and sharing of materialities raised the question: could blowing winds provoke acts of creation? In experiments with the streets, public squares, subway stations, among other common spaces, some clues were found which affirm collective agencies and the power of chance in contributing to creation processes. Thus, the creation processes presented in this writing, although unique, point to poetic paths that involve networks of conversations and collective walks with the city and the university.

Keywords: Creation Processes, Blowing winds, Invention, City, University.

Resumen

En este estudio proponemos las acciones de “SoplAr” e “InVentAr” como dispositivos para procesos de creación con palabras y sonidos. La composición de los verbos|acciones surgió de la formación el Grupo de Estudios Escrita | Escritura, Procesos de Creación, organizado por artistas, investigadores y educadores participantes del Laboratorio Artes y Micropolíticas Urbanas (LAMUR|CNPq), vinculado al Programa de Posgrado en Artes de la Universidad Federal de Ceará (UFC). Los encuentros y la puesta en común de materialidades plantearon la pregunta: ¿sería el soplo un provocador de actos de creación? En experimentaciones con las calles, plazas, estaciones de metro y otros espacios comunes, se encontraron algunas pistas que afirmaban los agenciamientos colectivos y la fuerza del azar en los procesos creativos. Así, los procesos de creación que se explicitan en esta escritura, aunque únicos, apuntan a caminos poéticos que involucran redes de conversaciones y caminatas colectivas con la ciudad y la universidad.

Palabras clave: Procesos de Creación, Soplo, Invención, Ciudad, Universidad.

rodar o céu

ondular a água

levantar os grãos de areia

brincar com as folhas

transportar o ar

mover o barco

quebrar a vidraça

rasgar a cortina

bater a porta

girar a saia

desalinhar os cabelos

refrescar os corpos

contar segredos

purificar a dor

varrer o mundo

metamorfosear caminhos

soprar sons e palavras

Oh, vento que vem
Pode passar
Inventa fora de mim
Outro lugar²

InVentAr andanças com a escrita coletiva suscita experimentações um tanto imprevisíveis e intensamente desejadas – escrituras que se movem ao sabor dos ventos, esses que fazem passar o ar entre uma palavra e outra, um som e outro, uma imagem e outra e mais outras em um constante convite ao outrAr e inVentAr.

Aceitar o convite implica estar disponível aos acasos, às surpresas e ao encontro com palavras, imagens, sons e gestos que captam as forças do ar em movimento. Desejar o vento – com suas linhas invisíveis e trajetos inusitados – abre passagem às intensidades que antecedem o pensamento; assim, podemos sentir o vento, misterioso e perigoso, com suas forças – ora com leveza e delicadeza acariciando as folhas de papel, ora com a fúria de um vendaval arrastando o que encontra pela frente. São ventos que se apresentam como temperamento do ar.³

A escritura não tem outro objetivo: o vento, mesmo quando nós não nos movemos, ‘chaves no vento para que minha mente fuja do espírito e forneça a meus pensamentos uma corrente de ar fresco’ - extrair na vida o que pode ser salvo, o que se salva sozinho de tanta potência e obstinação, extrair do acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação, extrair no devir o que não se deixa fixar em um termo. Estranha ecologia: traçar uma linha de escritura [...] São correias agitadas pelo vento. Um pouco de ar passa (Deleuze, 1998, p. 89).

Esse convite, que sugere traçar linhas de escritura com o propósito do vento, parece irrecusável em processos de criação em artes – em especial, quando a arte, nas palavras de Anne Sauvagnargues (2020, p. 12), se apresenta como linhas de fuga⁴, provocando “(...) uma disparidade, quer dizer, há duas coisas que não se mantêm juntas, e com essas duas coisas produzimos uma nova dimensão”.

² Invento, Vitor Ramil, 2007.

³ Vento Sardo, Marisa Monte com Jorge Drexler, 2021.

⁴ “(...) uma linha de fuga é, em um complexo de forças, o potencial, a invenção, a constituição, uma abertura que permite despistar ou transformar a situação em um dado momento” (Sauvagnargues, 2020, p. 11).

Seria o sopro um provocador de atos de criação? Seria o sopro de vento um instigador de escrituras coletivas?

(...) escrever é o duplo de viver; poderia dar, como explicação, que é da mesma natureza que abrir a porta da rua, dar de comer aos animais, ou encontrar alguém que tem o lugar de sopro no meu destino (Llansol, 2011, p. 69).

Quem seria esse alguém que tem o lugar do sopro nas escrituras coletivas? O sopro, a “quarta pessoa do singular da qual ninguém fala e que insiste em cada ato de criação” (Fonseca e Gomes, 2012, p. 215), é de ninguém.

O sopro é algo novo, é um renascimento do tempo, inventa, não reproduz o visto, desviando do clichê, incitando contradições, em seus sentidos inicialmente alheios, e que ficam orbitando em exterioridade aguardando a atração das forças do encontro entre singularidades. A ideia que vem do sopro é de ninguém (Fonseca e Gomes, 2012, p. 215).

Esses são InVentos que se fazem ainda mais intensos com escrituras que pedem passagem em processos de criação coletivos – afinal, “(...) já não há sujeitos, mas individuações dinâmicas sem sujeitos, que constituem agenciamentos coletivos” (Deleuze, 1998, p. 115), algo próximo “de uma estranha potência, neutra e impessoal” (Blanchot, 2005, p. 139). Ou seria isso um modo de coletivizar como “propositores”?

Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido de nossa existência.
Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós não existimos; estamos a vosso dispor.
Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação.
Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora (Clark, 1980, p. 31).

Ao escrever com as ideias sopradas, a escrita desliza tantas vezes entre o automatismo do pensamento e o que escapa ao entendimento, entre as operações racionais e a pura intensidade, entre a representação e a invenção, entre a autoria e a sua dissolução, entre a linha argumentativa e a linha fugidia,

entre as movências da aprendizagem e a fixação do ensinamento e entre as promessas de um saber articulado e a potência inventiva do não saber.

Queria transformar o vento.
Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.
Eu precisava pelo menos de enxergar
uma parte física do vento: uma costela, o olho...
Mas a forma do vento me fugia que nem as formas
De uma voz (Barros, 2013, p. 356).

Nesta escritura coletiva, o desafio se apresenta com os atos de criação de *algo*, sendo algo do impessoal, tomando a proposição do “se” – inventa-se, sopra-se, escreve-se – apresentada por Deleuze (2006) além das experimentações realizadas nos encontros do Ateliê de Criação V⁵ e seus percursos poéticos com a cidade e as questões que permeiam os processos de criação e invenção em artes.

Sopros que convidam a escrever com a UniverCidade

Na sabedoria de um povo está dito que ‘o sopro que sai da boca do homem, a palavra, é a energia, é a potência que move o Universo’. No livro de outro povo está escrito: ‘O Princípio era o verbo’. Nas duas afirmativas é a palavra o princípio (Evaristo, 2016, p. 104).

As experimentações⁶ que pedem passagem envolvem os encontros⁷ realizados no Ateliê de Criação como espaços e tempos de convívio com as singularidades das pesquisas, das poéticas e dos percursos com a cidade e as

⁵ Ateliê de Criação V é um dos componentes curriculares do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. A ementa e referências podem ser acessadas no site:

<http://www.ppgartes.ufc.br/informacoes-academicas/disciplinas>

⁶ Nesta escritura, as experimentações trazidas foram realizadas no primeiro semestre de 2019, pensadas como desdobramento de um conjunto de ações realizadas com o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR-CNPq), coordenado pela professora Deisimer Gorczewski, ministrante da disciplina. Mais detalhes no site: <https://www.lamur-ufc.com/>

⁷ Seguem detalhes dos encontros – título, propositores e período: *Escutar as sonoridades*, com Rhachel Martins, *Encontro das Marias*, com Lucas Araújo, e *A Casa*, com Mel Andrade (março); *Aquenda do Mangue*, com Levi Banida e Matheus Falcão, *Ateliê mão na massa*, com Lydia Ferreira e Lara Modolo, e *Fotografia*, com Carol Veras e a participação de Leonardo Zingano (abril); *A escrita como um jogo: um gesto de criação com o espaço*, com Ana Paula Vieira, *Singularidades do viver: um convite para ampliar nossos territórios-rede*, com Eveline Abreu, e *Imagem-encontro*, com Sabrina Araújo e Wellington Junior. (maio). Os encontros foram realizados em diferentes espaços da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da cidade de Fortaleza e foram apresentados na Mapagrafia – mais precisamente na Figura 1 – nas páginas que seguem.

forças dos acasos que foram afirmados, possibilitando a materialização de uma escritura coletiva que nomeamos “Entre Artes: percursos poéticos com Fortaleza”.⁸

Nos primeiros encontros, os participantes⁹ foram instigados a escolher *algo* de suas pesquisas, criando certo estranhamento com o que se apresenta como familiar – um exercício de “estar na sua própria língua como um estrangeiro” (Deleuze e Guattari, 2003, p. 54). Além disso, eles foram provocados a sugerir encontros com espaços distintos da cidade, fazendo convites para que algo fosse realizado conjuntamente: um convite à convivência (Maturana, 1993; Gonçalves, Oliveira e Gorczewski, 2022). A partir de Freire (2020, p. 74), compreendeu-se que os primeiros saberes aos que desejam que “sua presença se vá tornando convivência, que [nosso] estar no contexto vá virando estar com [...] é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade [...]. O mundo não é. O mundo está sendo”.

Os convites e as experimentações com a estranheza foram tomando corpo ao longo dos encontros e provocando contatos mais intensos com os *algos* de cada pesquisa e as andanças com a cidade partilhados em coletividade. Estes encontros produziram desejos e acontecimentos em um espaço-tempo outro, que fez caminho sem se guiar pela linha do tempo; ao contrário, porém, foi possível extrair do espaço-tempo as linhas que tecem um devir Univer|Cidades (Gorczewski; Lima, 2017).

Entre as orientações aos processos de criação, iniciados com a escolha dos *algos* e do “caminhar espaciando” (Careri, 2017, p. 126) com a cidade, foram incitadas algumas “desorientações” muito próximas ao oferecido por Lazzaratto (2012, p. 101):

Para experimentar vista-se de não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento. Crie palavras para acolher os afetos que se produzem neste percurso. Deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados.

⁸ O livro “Entre Artes: percursos poéticos com Fortaleza” foi organizado por Caroline Veras, Deisimer Gorczewski, Lucas Araújo e Mel Andrade e publicado pela Editora Reticências, em 2023.

⁹ Contando com a participação de mestrandos em Artes e graduandos do Instituto de Cultura e Artes da Universidade Federal do Ceará e uma mestranda em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará.

Após os trajetos com a cidade, as experimentações no Ateliê de Criação seguiram sendo instigadas por exercícios de criar palavras-chave produzidas com os percursos. Os participantes foram convidados a propor até cinco palavras-chave para cada um dos *algos* após a realização dos percursos, bem como a trazer suas concepções sobre palavras-chave – um exercício um tanto provocador se pensarmos como Deleuze (2009, p. 7): “é menos nós que temos as ideias do que as ideias que se afirmam em nós.”

Palavras apenas
Palavras
pequenas,
Palavras,
momento,
Palavras, palavras,
Palavras, palavras,
Palavras ao vento,
Palavras apenas,
Palavras
pequenas,
Palavras¹⁰

¹⁰ Palavras ao Vento. Composição: Marisa Monte e Moraes Moreira, 1999.

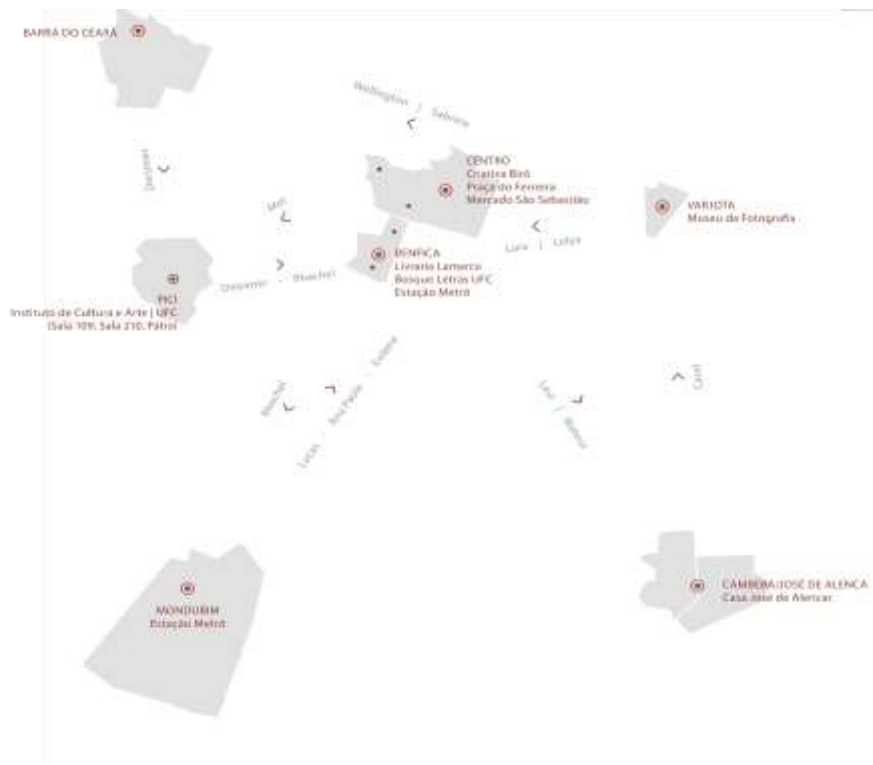
Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade Cidade
Literatura Literatura Literatura Literatura Literatura Literatura Literatura
Imagem Imagem Imagem Imagem Imagem Imagem Imagem Imagem
Atenção Atenção Atenção Atenção Atenção Atenção Atenção
Territórios Territórios Territórios Territórios
Coletivo Coletivo Coletivo Coletivo
Partilha Partilha Partilha Partilha
Espaço Espaço Espaço Espaço
Afeto Afeto Afeto Afeto Afeto
Narrativa Narrativa Narrativa
Percurso Percurso Percurso
Ecologia Ecologia Ecologia
Tempo Tempo Tempo
Fotografia Fotografia
Corpo Corpo Corpo
Escrita Performativa
Encontro Encontro
Ação Performativa
Construção de si
Atravessamento
Escrita-vivência
Espaço Urbano
Campo-Cidade
Ancestralidade
Deslocamento
Compartilhar
Performance
Investigação
Personagem
Subterrâneo
Percepção
Montação
Negritude
Instigação
Feminino
Interação
Tentativa
Camadas
Conviver
Pesquisa
Passado
Cinética
Sabores
História
Captura
Comida
Interno
Marcas
Escuta
Deriva
Prazer
Teatro
Conto
Gosto
Som
Mãe
Avó

Feira
Drags
Sabor
Acaso
Redes
Classe
Toque
Desejo
Seduzir
Instigar
Poética
Convite
Intuição
Escrever
Provocar
Sensação
Incerteza
Perturbar
Distração
Casa Casa
Jogo Jogo
Sons Sons
Dar Corda
Ser afetado
Cartografia
Maria Maria
Olhar Olhar
Colaborativo
Pesquisa de si
O que não sei
Fluxos Fluxus
Palavras-chave
Plano de forças
Plano de formas
Pesquisa em Artes
Conviver Conviver
Processo de Criação
Conversar Conversar
Resistência Resistência
Movimento Movimento
Tecnologias Tecnologias
Observar como observo
Sonoridades Sonoridades
Universidade Universidade
Ziguezaguear Ziguezaguear
Invenção Invenção Invenção
Experiência Experiência Experiência
Tecnologia Digital Tecnologia Digital
Teatralidade Teatralidade Teatralidade
Gênero Gênero Gênero Gênero Gênero Gênero
Processo Coletivo de Criação Processo Coletivo de Criação
Memória Memória Memória Memória Memória Memória Memória Memória Memória Memória

(...) pensa-se junto, no disfarçado das palavras
(Lispector, 1984, p. 23).

No ato de entrelaçar palavras-chave de uns com as palavras-chave de outros, tramadas em percursos com a cidade, cria-se uma *Mapagrafia*¹¹ tecida com os aprendizados das estranhezas nas redes de conversações¹² e inspirada nos “mapas nômades” presentes na abordagem de Careri (2013, p. 42), em que “[...] O espaço nômade é sulcado por vetores, por setas instáveis que são mais conexões passageiras que traçados [...]”. Percursos entrelaçados com palavras que tateiam gestos de afeto com a cidade e a universidade, propiciando outros modos de pensar as artes e o convívio.

Figura 1 – Percursos com a cidade de Fortaleza | Ateliê de Criação V.



Fonte: Acervo do LAMUR (CNPq|UFC) publicado no livro *Entre Artes: percursos poéticos com Fortalezas*, 2023.

¹¹ Criação em coautoria com Raul Soagi.

¹² Uma das referências para pensar em “redes de conversação” foram os estudos de Humberto Maturana – nesse caso, principalmente sua teoria denominada “Biologia do Conhecer” (1999; 2001; 1995-1996).

Entre os percursos com a cidade, o convite ao *Encontro das Marias*,¹³ do artista e pesquisador Lucas Araújo, soprou outros ventos, algo como um divisor de águas também por provocar leituras e conversas com o pensamento de Conceição Evaristo. Instigadas por essas conversas, vieram outras leituras – entre elas, a força da “palavra-vivência” de Sabela, recontada nas escrevivências de Evaristo (2017, p. 102): “Em nossos corpos, memória e água. Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas”.

Memória
 Ancestralidade
 NegritudeNarrativaResistência
 Escrita-VivênciaCidadeContoGêneroLiteratura
 TeatralidadeCorpoAfetoConviverMulherMariaMãeAvóPersonagem
 MariaPoéticaFemininoConviverInteraçãoPassadoHistóriaMarcasExperiência
 PerformatividadePerformanceAtençãoFeiraMemóriaAncestralidadeNegritudeNarrativa
 ResistênciaEscrita-VivênciaContoGêneroLiteraturaTeatralidadeCidadeCorpoAfetoConviverMulher
 MãeAvóPersonagemMariaPoéticaFemininoConviveIntegraçãoPassadoHistóriaMarcasExperiênciaAtenção
 FeiraCorpoPoéticaFemininoConviveIntegraçãoPassadoHistóriaMarcasExperiênciaPerformatividade
 PerformanceAtençãoFeiraMemóriaAncestralidadeNegritudeNarrativaResistência
 Escrita-VivênciaContoGêneroLiteraturaTeatralidadeCidadeCorpoAfeto
 ConviverMulherMãeAvóPersonagemPoéticaFemininoInteração
 PassadoHistóriaMarcasExperiênciaPerformatividade
 ContoGêneroLiteraturaTeatralidadeCidade
 CorpoAfetoConviverMulher
 Ancestralidade
 Negritude

Em outro percurso com a cidade a convite da artista e pesquisadora Rhachel Martins,¹⁴ o sopro do vento nos fez aguçar o sentido da escuta: desde a escuta de si – a escuta dos sons cotidianos no entorno de nossas moradas – ao convite a deambular com a cidade, atentos às sonoridades dos trajetos entre as estações do metrô em Fortaleza. Experimentamos um estado de escuta, algo

¹³ Encontro-performance realizado no Mercado São Sebastião na tarde do dia 21 de março de 2019. Uma composição com as palavras-chaves partilhadas pelos participantes do *Encontro com as Marias* foi inserida nesta escritura.

¹⁴ A escolha do *algo* da pesquisa e os detalhes do processo de criação serão apresentados nas próximas páginas.

próximo ao que sugere Jean-Luc Nancy (2014, p. 30): “Estar à escuta é estar ao mesmo tempo fora e dentro, é estar aberto de fora e de dentro, de um ao outro, portanto de um no outro”.

As palavras e os sons soprados em diferentes percursos urbanos possibilitaram, entre outras experimentações, observar quando a nossa “atenção seletiva cede lugar a uma atenção flutuante, que trabalha com fragmentos desconexos” (Kastrup, 2009, p. 36) em um promissor diálogo com as poéticas e políticas ativadas com palavras de desordem – entre elas, “distraídos venceremos”, do poeta e escritor Paulo Leminski –, além de disparar fazeres e saberes antes desconhecidos.

As palavras captam as forças das vibrações e comunicam seu movimento. É nessa acepção que as palavras devem misturar-se com os corpos. Elas têm o aspecto incorporal, mas igualmente corporal, isto é, sopro, acento, gagueira, escansão, todos os fenômenos que diferenciam a sonoridade. É preciso devolver a escritura, à voz, ao sopro, à vibração, à potência indeterminada (Pelbart, 2019, p. 280).

A escritura coletiva como prática coletiva promove espaços-tempos outros, onde o sopro dos ventos movimenta o ir e vir na composição com palavras, imagens e sonoridades como um “combate a política do texto” (Costa, 2017) destinado a enfrentar regras que se apresentam como irreduzíveis, tratando “a escrita como um fluxo e não um código” (Deleuze, 2000, p. 15) e fazendo ampliar mundos no mundo – letra por letra, traço por traço e ritmo a ritmo entre linhas.

Sopros que convidam à criação

Encorajados a partilhar *algo* de nossas pesquisas e processos de criação com espaços da cidade, foi proposta aos colegas do Ateliê de Criação V uma deambulação sonora com a linha sul do metrô. Durante o percurso, os sopros de ventos nos envolveram e nos convidaram à criação, portanto, algumas dessas materialidades estão disponíveis ao longo da escritura em *QR Codes*.

Na semana anterior à experimentação – alinhando-se à proposta do Ateliê de provocar desejos, agenciar e construir modos de habitar o espaço urbano –, encaminhou-se por *e-mail* atividades práticas de escuta e de criação de sons. A primeira mensagem (e sugestão de exercício) partiu da reunião anterior, orientada por Mel Andrade, que nos perguntou: “*O que torna uma casa uma casa?*”. A partir dessa questão, questionei aos artistas do Ateliê: “A casa possui uma sonoridade singular? Quais sons a permeiam?”. Com o intuito de somar pistas para as indagações, foram convidados a caminhar por suas casas, tomando nota e pensando sobre estes sons.

Ainda nesta comunicação, alertou-se sobre o *Amigo Sonoro*, exercício acordado no último encontro presencial. A proposição, próxima à ideia do jogo Amigo Secreto (ou Oculto), consistia na captação de um evento sonoro, com minutagem de 4’33”. Para realizar o processo compositivo, recomendou-se o envio do áudio ao colega sorteado, mas sem informá-lo detalhes sobre as circunstâncias da gravação, permitindo que o destinatário fruisse e explorasse as possibilidades sonoras do arquivo recebido.

A minutagem foi inspirada em 4’33” (1952), de John Cage, composição em que “(...) o executante não toca. Quem faz a música é o público, provocado pelos insuportáveis minutos de silêncio” (Campos, 2007, p. 134). Com a performance, Cage propõe uma experiência de escuta à audiência e a constatação que todo silêncio é grávido de som, em suas palavras “(...) nenhum silêncio existe que não esteja prenhe de som” (Cage, 2019, p. 135).

Alguns dias depois, foi enviado um segundo *e-mail*, acompanhando o andamento das atividades e suscitando outras. Desta vez, fundamentando-se nos estudos de Murray Schafer (2009; 2011; 2018), sublinhou-se que os ambientes acústicos estão em constante mudança: enquanto alguns sons desaparecem, outros tantos emergem. Interrogou-se, portanto, se percebiam a ausência de alguma sonoridade, em detrimento de uma nova e se guardavam lembranças sonoras da infância. Recomendou-se, em seguida, uma

Figura 2 – Amigo Sonoro.
Deisimer para Lídia



Fonte: Acervo do LAMUR
(CNPq|UFC), 2019.

deambulação com o bairro em que residiam e o registro de possíveis mudanças na paisagem sonora. Em resposta às inquietações, Mel Andrade pontuou:

Desde o seu primeiro email, eu tenho tentado prestar mais atenção aos sons, não somente na minha casa, mas na rua, no farfalhar das coisas. E agora você perguntar sobre os sons da infância me deixou muito pensativa e um pouco triste, porque não tenho conseguido lembrar. Fiquei forçando lembrar algumas situações que pudessem ter gerado sons, mas viram sons imaginados e não recordados... O som se esvai fácil da memória, né? (Mensagem encaminhada por *e-mail*. Mel Andrade, 12 de mar. 2019).

Dois dias antes do percurso, em 12 de março de 2019, foi enviado o último *e-mail*: um áudio-convite composto pela aglutinação de diversas ações, sugerindo um passeio com o metrô. Junto com a gravação, foi informado o ponto de partida da caminhada, que seria na estação de metrô Benfica, indicando que o percurso estava suscetível a desvios.

Em 14 de Março de 2019, reunidos no local indicado, decidimos sentar em círculo na plataforma de embarque do metrô. Enquanto conversávamos sobre as experiências de escuta e os processos de criação agenciados ao longo da semana, éramos abraçados pelas sonoridades que o vento transportava. Em uma primeira camada, ouvimos a massa sonora eletrizante das estações subterrâneas e dos sons metálicos do metrô; entretanto, ao permitir que a escuta flutuasse com o sopro do vento, fomos surpreendidos por uma brisa refrescante e pelo som de pássaros.

Durante a prática, fomos observados atentamente por um guarda, que estranhando a nossa presença, chamou um funcionário do sistema

Figura 3 – Áudio-convite.



Fonte: Acervo do LAMUR (CNPq|UFC),

Figura 4 – Estação Benfica.



Fonte: Acervo do LAMUR (CNPq|UFC),

metroviário que, ao chegar, questionou sobre a razão da nossa permanência no local. Intervindo, a professora Deisimer nos apresentou e explicou a ação. Ainda assim, fomos aconselhados a encerrar a atividade, pois a plataforma era um espaço de passagem. Negociamos mais alguns minutos para o término do exercício e, em seguida, passamos a experimentar o ambiente.

A paisagem visual era austera, disposta predominantemente em tons de cinza. Nas paredes, havia inúmeros avisos reguladores, que eram reforçados pela comunicação sonora – uma voz eletrônica que orientava as ações.

Com a chegada do metrô, embarcamos, continuando nossa jornada. Interessados pela estética da estação Parangaba, os caminhantes solicitaram a descida. Oposta à estação Benfica, a movimentada Parangaba se localizava na superfície e se conectava ao VLT e a um grande terminal de ônibus. Devido ao fluxo intenso do trânsito e de pessoas, os ventos soprados em Parangaba traziam sonoridades tão dissonantes que interferiam na partilha das marcas que se fixaram em nossos corpos. Decidimos aguardar, então, o próximo metrô, buscando experimentar outras estações.

Com o coengendramento das ações de caminhar, parar e escutar, fomos atraídos pela paisagem tranquila, quase bucólica, da estação Mondubim – por um lado, cercada por casas simples e uma lagoa, pelo outro, por uma vegetação. Descendo do vagão, sentamos nos bancos disponíveis ao longo da plataforma, fruindo com o som de pássaros, de crianças brincando, de um agitado cachorro e com a brisa do vento.

Figura 5 – Conversa:
Lugar de Passagem.



Fonte: Acervo do
LAMUR (CNPq|UFC),

Figura 6 – Estação
Mondubim.



Fonte: Acervo do
LAMUR (CNPq|UFC),
2019.

Para onde os ventos sopram?

Às vezes começa-se a brincar de pensar, e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco. Não é bom. É apenas frutífero (Lispector, 1984, p. 24).

Nesta escrita, propomos as ações de “SoprAr” e “inVentar” como dispositivos de processos de criação de escrituras coletivas. As pistas para composição dos verbos|ações surgiram com o Grupo de Estudos Escrita|Escritura, Processos de Criação. Dentre as materialidades sugeridas para realização do encontro, estava o trabalho de Édio Raniere da Silva (2020), que, ao investigar a obra de Anne Sauvagnargues, nos instiga a pensar:

O que seria um ato de criação? Como ele se processa? Como acontece? De que forma ele depende de um sujeito criador? Em que medida o ato de criação subjetiva o sujeito que o executa? E o mais importante: haveria mesmo um ato de criação agenciado pela subjetividade ou todos os processos relacionados à subjetivação, bem como à criação, seriam disparados por uma espécie de passividade constituinte? (Silva; Silva, 2020, p. 227 - 228).

Para a autora, o ato de criação é subtrativo: quem cria é o bloqueio – são os impedimentos. Deste modo, a figura do gênio|artista deixa de existir, pois o sujeito é deslocado do centro do processo de criação. De acordo com Sauvagnargues (2020, p. 17), “Estamos no limiar da linha de fronteira entre um sujeito que age, ou um sujeito que se mantém passivo, porque estamos a caminho de pensar uma passividade constituinte”.

Com os encontros do Ateliê de Criação – as escolhas dos *algos* das pesquisas, os percursos com a cidade e a universidade, os exercícios com as palavras-chaves e as redes de conversação que emergem com a convivência – , foi possível observar a intensidade do SoprAr-se e InVenAr-se em processos de criação – a exemplo do processo de criação coletivo, aberto a partir dos encontros que produziram desejos de mais encontros como desdobramentos da disciplina no PPGARTES-UFC. Assim, surgiu o projeto de escrita do livro *Entre*

Artes: Percursos Poéticos com Fortaleza,¹⁵ que recebeu o acolhimento da Editora Reticências, com uma aliança editorial com os laboratórios vinculados ao programa: Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA) e ao Laboratório de Investigação em Poéticas e Políticas do Corpo da Cena (LabCenas).

Não somos daqueles que só pensam em meio aos livros e cuja ideia aguarda os estímulos das páginas para nascer, nosso êthos é pensar ao ar livre, andando, pulando, subindo, dançando, de preferência nas montanhas solitárias ou à beira mar, onde até mesmo os caminhos ficam meditativos (Nietzsche, 2001, §366).

Estamos a falar de um livro “entre” artes que, nas palavras dos propositores, se apresenta como “um convite para o desencontrar e encontrar a si e ao mundo num tempo que não necessariamente precisa ser o agora, memórias”, que tem a perspectiva de mapear os agenciamentos entre texto e contexto, bem como as marcas e intensidades nos modos de habitar espaços e tempos com as Univer|Cidades.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAGE, John. **Silêncio**. Tradução de Beatriz Bastos e Ismar Tirelli. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CAMPOS, Augusto de. **Música de invenção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

¹⁵ O livro foi primeiramente acolhido pela Editora ETC – *Rapadura* tendo o pré-lançamento durante o 1º encontro *Movências Poéticas*, em 2019. Contudo, com a notícia do fechamento da Editora em 2020, foi necessário atrasar o lançamento do livro e encontrar uma nova editora.

CLARK, Lygia. Nós somos os propositores. *In: Lygia Clark*. Acervo. RJ: Funarte, Coleção Arte Brasileira Contemporânea, 1980. Disponível em <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59279/nos-somos-os-propositores>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COSTA, Luciano Bedin. **58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

DA SILVA, Édio Raniere.; DA SILVA, Andressa Silveira. Processos de Criação em Anne Sauvagnargues. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18316>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Fortaleza: Eduece, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**. Por Uma Literatura Menor. Tradução e prefácio de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FONSECA, Tania Mara Galli; GOMES, Patrícia Argôllo; Soprar. *In*. FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença**. Um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, p. 215-217.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GORCZEVSKI, Deisimer; LIMA, João Miguel Diógenes. Conversações: encontros entre as artes, a cidade e a universidade. **Revista Vazantes**. v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20499/30947>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini. Experimentar. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci (Orgs).

Pesquisar na diferença. Um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. p. 99-101.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LISPECTOR. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

KASTRUP, Virgínia. Flutuações da atenção no processo de criação. *In:* **Cegueira e invenção:** cognição, arte, pesquisa e acessibilidade. Curitiba: CRV, 2018.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In:* PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa, intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

MATURANA, Humberto Romesín. Uma nova concepção de aprendizagem. **Revista Dois Pontos.** Vol. 2. N. 18. outono/inverno, 1993.

MATURANA, Humberto Romesín. **A ontologia da realidade.** Organizado por Miriam Graciano, Nelson Vaz e Cristina Magro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MATURANA, Humberto Romesín. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro.** São Paulo: N-1 Edições, 2019.

SCHAFER, Murray. **Educação sonora:** 100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante.** Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, Magda Regina Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. Revisão técnica de Aguinaldo José Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo:** uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

SCHAFER, Murray. **OuvirCantar:** 75 exercícios para ouvir e criar música. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2018.

SANTOS, Laryce Rhachel Martins. **Escutar e Caminhar**: Modos de Experimentar e Inventar com a cidade. 2020, 70 f., Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SAUVAGNARGUES, Anne. Somos nada mais que imagens. Entrevista com Anne Sauvagnargues. [Entrevista concedida a] Édio Raniere da Silva. **Rev. Polis e Psique**, v.10, n.1, p. 6-29, 2020.

VERAS, Caroline; GORCZEVSKI, Deisimer; ARAÚJO, Lucas; ANDRADE, Mel (Orgs.). **Entre artes**: percursos poéticos com Fortaleza. Fortaleza: Editora Reticências, 2023.